

Ler

01-11-2013

Periodicidade: Trimestral

Classe: Cultura/Lazer

Âmbito: Nacional

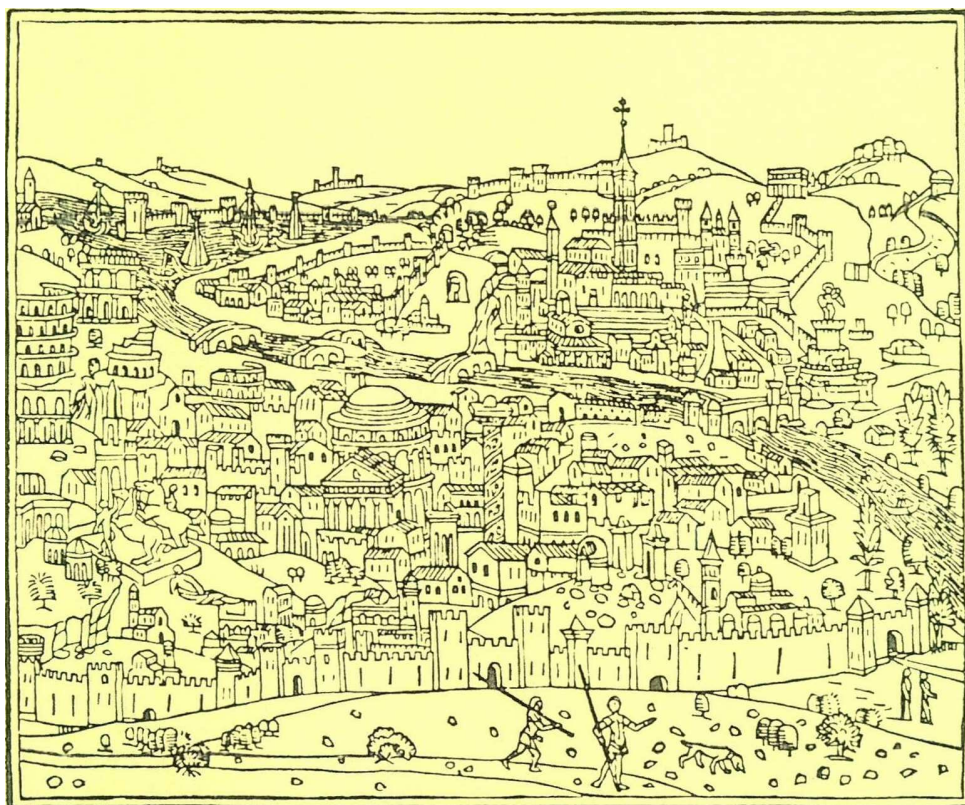
Tiragem: 16000

Temática: Cultura

Dimensão: 2279

Imagem: S/Cor

Página (s): 68 a 74



Vista de Roma (1490), gravura de Fra Foresti da Bergamo.

FIDALGO DE CHAVES

O ENIGMA PERMANECE

QUEM ERA este homem que deixa a tranquilidade de Chaves e se dirige para Roma, lugar onde no início do século XVI tudo acontecia e onde a vida era uma aventura diária? Viagem ao passado pela mão do autor de *Um Agente Português na Roma do Renascimento* (Temas e Debates/Círculo de Leitores).

TEXTO DE PAULO LOPES

A 21 de maio de 1510,

um anónimo fidalgo criado do 4º duque de Bragança, D. Jaime, parte de Chaves em direção a Roma, para só regressar a Portugal em setembro de 1517. Com base nesse périplo por terras italianas redige, mais tarde, um extenso e impressionante relato intitulado *Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauées cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Indulgências, E grandes acontecimentos que laa soccederam em espaço de sete años que hi esteue*.

A quase totalidade do conteúdo do texto – que passou a ser conhecido como *Memórias de Um Fidalgo de Chaves (MFC)* – reporta a figuras e acontecimentos que tiveram lugar em Itália, num arco temporal que podemos situar entre 1510 e 1517, período durante o qual o inominado autor aí viveu.

Além de representativo de uma época e de um espaço cruciais da História europeia, este singular documento constitui um testemunho privilegiado, diríamos mesmo único em muitos aspetos, de um olhar «português» sobre a Roma do Renascimento na aurora do explosivo século XVI.

Mas quem era de facto este homem que deixa a tranquilidade e a segurança da pacata vila quinhentista de Chaves e se dirige para o coração da cristandade, lugar onde no início do século XVI tudo acontecia e onde a vida era uma aventura diária, plena de emoção e deslumbramento, mas também de temor e perigo extremo?

Como é que alguém proveniente de Chaves poderia movimentar-se com a destreza necessária para «sobreviver» na bulhosa e violenta Roma do despertar quinhentista, onde a conspiração, o crime, a ambição desmedida, mas também as mais elevadas cultura e orientação espiritual faziam parte do quotidiano? E quais as motivações para tal périplo?

A informação disponível sobre a vida e identidade deste intrépido fidalgo resume-se ao que é descrito no próprio texto que redigiu a D. Jaime – único destinatário do emotivo relato. A partir do que é narrado e do conhecimento que hoje temos do mundo de então, em particular da situação portuguesa e do vivido em Itália, podemos antever um personagem que se impõe como um exemplo por excelência do romanesco. Ao seguirmos os seus passos sentimos as forças criativas do indivíduo típico do Renascimento, aquele que idealiza e persegue o seu destino enfrentando o drama humano nas suas múltiplas facetas.

A autoria das *MFC* é uma questão que, desde o primeiro momento, constitui um desafio para quem se debruça sobre este importante documento e a figura do seu criador. O investigador Aníbal Pinto de Castro obteve avanços importantes na resolução do enigma, sem no entanto conseguir levantar o véu sobre o mesmo. Ainda assim, o seu trabalho é incontornável na medida em que coloca de parte um conjunto de hipóteses até

então muito credíveis, ao mesmo tempo que deixa pistas para a continuação do périplo: investigar o círculo de portugueses que então frequentavam a Universidade de Siena. Seguimos esses indícios – que têm toda a pertinência dado que foi neste quadro que o fidalgo contactou o cardeal de Siena, Alfonso Petrucci – com profundidade, mas a busca revelou-se, mais uma vez, infrutífera. Com efeito, averiguados os registos italianos coevos relativos à presença de estudantes portugueses no universo académico de Siena, o enigma permanece.

Analisaram-se ainda os trabalhos de António Caetano de Sousa e do abade de Baçal com o objetivo primordial de encontrar qualquer referência a fidalgos agentes do 4º duque de Bragança em Roma no período em questão, mas também com resultados infrutíferos.

O dado mais seguro que continua a existir acerca da identidade onomástica do autor é, pois, o fornecido pelo próprio texto: «*estando huma tarde de verão assentados em hum poyal A porta do cardeal, chegou hum moço muito doente a pedirnos esmola. perguntoulhe João baptista [hum çulurgião dos grandes ditalia] que doença era a sua. Respondeo que de dor de pedra. o mestre olhando pera mjm disse, miçer Jacobo, queres que faça huma gualantaria neste moço em guareçer em continente. eu lhe Respondi que faria seruiço a deus. E fello loguo tomar E leuar a huma das camaras do apou-sentamento das casas debaixo, E mandou o atar a hum leito. E bem aRematado dos que hi estauão ho abrio por antre as pernas E lhe tirou a pedra do tamanho de huma noz, a qual nos veo amostar aos que estauamos de fora.*»

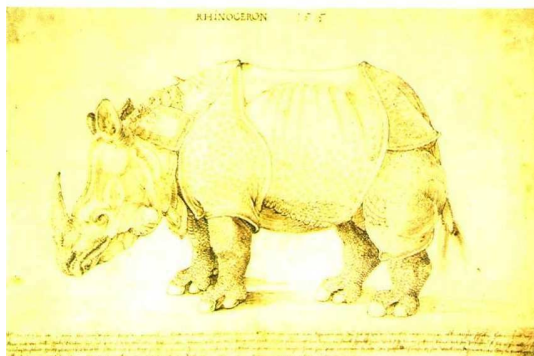
Miçer Jacobo (ou Jacopo; ambas as denominações em italiano) corresponde aos nomes portugueses Diogo ou Jaime. Será, portanto, seguindo a lógica da fonte, um destes nomes o do fidalgo de Chaves. De realçar que esta é a única referência presente na narrativa relativamente à identificação onomástica do autor.

Desconhecemos a identidade do autor, mas nada nos impede de traçar um perfil mais ou menos aproximado a partir do que escreveu.

Uma proposta de perfil

Como fidalgo português que é da viragem do século XV para o século XVI, certamente o seu quadro mental é devedor da mentalidade portuguesa nobre de então, em boa parte (mas não apenas, saliente-se) forjada nas armas e nos ideais de honra e dignidade cavaleiresca. O processo histórico vivido pelo reino nesse período isso legitimava e alimentava. É o que podemos apreender em diversos momentos do texto.

A atenção rigorosa que o arquiteto das *MFC* concede ao tema da guerra nas suas múltiplas facetas evidencia uma notória preocupação em informar o destinatário do texto. Pre-missa tanto mais válida se tivermos em conta que, à época,



Dürer
Primeiro desenho
de Dürer do «rino-
ceronte de Lisboa»
(1515).

O fidalgo de Chaves é um cosmopolita, cujo comportamento é marcado por um flagrante modernismo: aprecia a música, a arte e a arquitetura, mas também as festas os cortejos, os jogos e as corridas de cavalos, ou seja, os prazeres mundanos.

a guerra e as suas diversas disciplinas – como por exemplo o armamento – se encontram num profundo processo de mutação. Por outro lado, o teor e a minúcia dessa informação refletem um sólido conhecimento do tema em causa por parte do fidalgo.

No quadro da descrição da vinda a Portugal e regresso a Itália do «*nunção que el Rei pediu ao papa pera dar execução a suas bulas*», o fidalgo profere um exaltado discurso patriótico. De realçar, no entanto, que não se trata de mera fúria fanática, mas antes de um desassossego e uma inquietação resultantes do trabalho constante do bom observador, que critica mediante a comparação estabelecida entre o que vê e ouve no presente e no lugar onde está com o passado e a sua terra de origem.

O fidalgo de Chaves é verdadeiramente um homem do seu tempo. Um tempo de viragem e de transição entre dois mundos: um que está a desvanecer-se de forma irreversível, mas que consegue ainda assim manter-se presente em diversos moldes – a cruzada, por exemplo –; e outro que já começou, apontando inexoravelmente para uma nova forma de conceber a existência humana e a vida em sociedade.

Ainda que a dado momento do seu texto indiciie uma leve inclinação para o tradicionalismo medieval na construção do discurso («*verdadeiramente as cousas que do çeo são ordenadas nam se podem desuiar*») e embora dedique boa parte do relato à descrição das igrejas de Roma, tendo em conta a sequência das estações quaresmais, o fidalgo de Chaves ao tomar a realidade como referencial e fundamento primeiro da sua reflexão e da narrativa que edifica, opera outra alteração basilar em direção à modernidade: a substituição do tradicional determinismo religioso fundamentado na moralidade cristã no papel que desempenhou durante séculos de pedra de toque para selecionar e construir o discurso narrativo: «*hum Romano [...] me disse naquella Instante çertamente sua Reuerendissima senhoria deuia ter por mau sinal E triste aguoiro achar estes bufalos A entrada de Roma de tal maneira embaraçandolhe o caminho. eu me Ry daquillo por que são homens que crem muito nestes aguoiros tendo aJnda Reliquias dos Jentios.*»

O fidalgo de Chaves é igualmente um cosmopolita – mas não se trata de um cosmopolitismo passivo, antes autenticado pela ação –, cujo comportamento na grande urbe, a maior

e mais famosa que podia visitar, é marcado por um flagrante modernismo: ele aprecia a música, a arte e a arquitetura, mas também as festas (notáveis são os fólhos dedicados ao Carnaval de 1514), os cortejos, os jogos e as corridas de cavalos, ou seja, os prazeres mundanos. Constatação assaz curiosa tratando-se de alguém originário de tão tranquila e serena vila do interior norte de Portugal.

Também exemplar é a sua emotiva evocação da mais famosa embaixada de Portugal a Itália, em 1514, e à qual assistiu pessoalmente. Chefiada pelo embaixador Tristão da Cunha, esta delegação enviada por D. Manuel ao papa Leão X integra o famoso elefante *Hanno*. Ainda que não partilhe o mesmo nível descritivo, merece igualmente destaque a referência que faz à embaixada seguinte, em 1516, que incluía o rinoceronte *Ganda*.

Da pena do viajante flaviense emanam retratos coletivos, bem como retratos individuais. De realçar é que nunca são retratos frios, mas sempre denotativos de um sentimento – rejeição, admiração, aprovação... E o facto de não reduzir toda a gente que vê a personagens do seu país, como acontece com alguns autores lusos seus contemporâneos, representa um sintoma de que ao contrário destes compreende e, sobretudo, integra-se perfeitamente na sociedade e na civilização que vê e contacta durante sete anos.

O fidalgo de Chaves é, acima de tudo, um homem de ação, que coloca mais na experiência e na intervenção do que na arte da escrita a via para o conhecimento das coisas do mundo. E isso reflete-se bem na emoção e entrega que empresta ao seu relato. A sua moral evidencia-se na sua intencionalidade crítica, constituindo essa combinação uma marca do seu humanismo. Vejam-se as acusações de corrupção que dirige à cúria e a alguns dos seus principais membros.

É claramente um cortesão, outra das marcas da sua modernidade. E o facto de estar sob a proteção do jovem e desenvolvido cardeal Alfonso Petrucci certamente lhe garantiu o acesso aos ambientes cortesãos mais preeminentes de Roma. Não é, pois, de estranhar que o seu texto ofereça um tão rico e colorido cenário da vida aristocrática e eclesiástica coeva.

À época, a capital da cristandade é também a capital ocidental do profano e do mundano. Talvez só Veneza consiga

**Procissão papal**

Faiança italiana do Renascimento, de 1516, anónima, onde se destaca Leão X.

aproximar-se neste estatuto. O fascínio, o deslumbramento e até a sedução – tão caracteristicamente renascentistas – que se pressentem nas palavras do autor flaviense são disso um notável indício: *«As suas casas onde as ceas lhes estão aparelhadas com grande abastança de todalas cousas neçessarias pera orar ao deus baco. deixando os grandes senhores, hee pera por espanto o guasto das cortesãs naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açeitei huma ça em semelhante dia de hum cortesão meu amigo em casa de huma fermosa cortesã sua namorada. [...] E com Jsto mesurado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma.»*

É, pois, a cidade e a sociedade urbano-cosmopolita quem estrutura a mundividência humanista do fidalgo. Este privilegiar da cidade enquanto centro da vida social, política e cultural constitui a espinha dorsal da sua presença em Itália durante sete intensos anos e uma prova cabal do seu perfil de homem do Renascimento.

Se porventura não dedica grande espaço às letras da época, tal deve-se certamente ao seu perfil e às características da sua missão em Roma – o fidalgo dava destaque às artes, música e arquitetura, mas principalmente à natureza da sua missão: informar D. Jaime dos acontecimentos e das figuras preeminentes, o que passava sobretudo pela política, a guerra e os jogos de poder. Isto não quer dizer que não tivesse convivido com os principais letrados do tempo.

Inequívoco é que o fidalgo de Chaves conjuga uma razoável cultura com uma notável capacidade quer de observação, quer de expressão – a descrição da construção da nova Basílica de S. Pedro, sobre as ruínas do templo anterior, é bem demonstrativa desta premissa.

A sua curiosidade é tão fácil de testar quanto a sua preocupação com a verdade – expressa no recurso intenso a fórmulas presenciais que comprovam, afinal, o testemunho direto: *«eu ho vi», «eu falei com muitas pessoas», «fui ver», «o qual eu bem conheci», «a qual eu muitas vezes fui visitar», «muitos mo afirmaram E ella mo disse»,* entre outras referências. Tudo isto harmoniosamente combinado com uma fina ironia que abunda ao longo da narrativa.

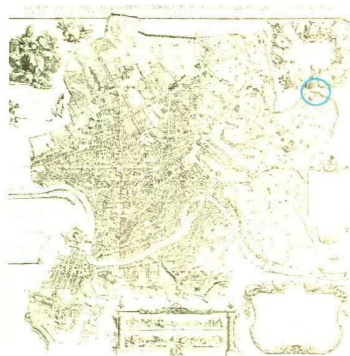
Por sua vez, a intencionalidade crítica que revela aproxima-o quer de Erasmo quer de Thomas More. Do primeiro, na

medida em que visa essencialmente os abusos de poder, as crueldades e as traições – o que afirma do papa Leão X e do bispo Raffaele Petrucci (1472-1522) é provavelmente o melhor exemplo –; do segundo porque consistindo a utopia numa idealização da vida dos homens, ela pressupõe uma atitude crítica em face da realidade e uma consequente busca de possibilidades alternativas para o desencanto resultante da observação, reflexão e interpretação sobre essa mesma realidade. Daí que o elemento utópico seja um aspeto dinamizador na estrutura das MFC.

A denúncia em que o fidalgo se empenha, sobretudo dos governantes religiosos, é construída umas vezes sobre a plataforma da ironia, outras sobre a mais limpa transparência e incisão. Estilo ousado, demasiado arriscado até, dado o vértice da Igreja romana ser um dos principais alvos e também pelo facto de D. Jaime ser o único destinatário do testemunho. A Igreja estava claramente corrompida, mas nem por isso era menos célere e eficaz na perseguição e aplicação da «justiça» aos seus inimigos e acusadores. E o facto de assumir um comportamento cada vez mais secular só reafirma esse estado de coisas – considere-se, a título de exemplo, o que o próprio fidalgo diz da cúria perante a necessidade de fazer face aos enormes gastos decorrentes da «Guerra de Urbino», e sobretudo a sua descrição da conjura de 1517 contra o papa Leão X, que culminou na morte do cardeal Alfonso Petrucci, seu protetor, e na inédita nomeação de 31 novos cardeais. Talvez aí se encerre boa parte do segredo do anonimato do autor, pois não podia ser mais convicta e expressiva a sua crítica e denúncia do sanguinário e ruinoso despotismo papal.

Esta vertente do seu relato constitui, aliás, um bom exemplo da sua ética e moral extremamente vivas. Daí que a passagem do fidalgo de Chaves por Roma não deva certamente ter sido tão prazenteira e «epicurista» como, numa abordagem superficial, podemos ser levados a pensar. Como não poderia o fidalgo sofrer de vicissitudes diversas quando circulou ativamente – e participou enquanto protegido de um dos protagonistas cimeiros dos processos e disputas em questão – no principal teatro de operações da política internacional dos inícios do século XVI?

Papas, cardeais ou bispos, ninguém é poupado ao espírito crítico do viajante flaviense. Mais honestidade e autenticidade não



Roma
Planta do século
XVII, de Giovanni
Battista Falda.

Missão em Roma: informar D. Jaime dos acontecimentos e das figuras preeminentes, o que passava sobretudo pela política, a guerra e os jogos de poder. O que não quer dizer que não tivesse convivido com os principais letrados do tempo.

podia certamente o seu senhor esperar de tão diligente agente. Ora, este facto por si só dá bem a ver o valor e a ousadia do texto. Nos antípodas basta para garantir à *MFC* um lugar único na documentação portuguesa e até europeia.

Como bom cortesão e agente, o fidalgo alia os dotes diplomáticos (se bem que não aplicados de forma oficial, pois não é oficialmente um embaixador) à arte da espionagem – o desembaraço evidente com que se imiscui na complexa sociedade romana e a rapidez e facilidade com que passa a integrar o círculo mais íntimo do cardeal de Siena, Alfonso Petrucci, são disso mesmo prova. Daí o considerarmos como um «olheiro» ao serviço do seu senhor. Um «olheiro» que procurava o que de mais interessante pudesse acontecer na capital da cristandade para bem informar o duque de Bragança. É que a informação representa, de facto, poder, e D. Jaime, como homem culto e figura de proa que é do reino de Portugal, em cujo programa político interno e externo ocupa destacada posição, sabe o quanto essa vertente nova da vida política é indispensável para a eficaz prossecução dos objetivos a atingir – seja para a sua Casa, seja para a Coroa de que chegou a ser jurado herdeiro, seja ainda para o reino que o viu nascer e cujos destinos a sua Casa irá conduzir num futuro não tão longínquo quanto isso.

Não é fortuito, neste quadro, que o fidalgo esteja ao serviço do cardeal Alfonso Petrucci, figura decisiva na eleição do papa Leão X de cujo apoio necessitavam quer a monarquia portuguesa, para a prossecução do seu projeto expansionista, quer a própria Casa de Bragança, nomeadamente no que diz respeito à obtenção da autorização para converter direitos de padroado em comendas da Ordem de Cristo e de apresentação da Casa. Também não é casual que se movimente com tanta destreza e facilidade nos meandros da política de Roma, como demonstra o facto de conseguir aceder a documentos oficiais que não deixa de apresentar no seu relato. Ao lermos o seu texto conseguimos, por isso, entrever que esteja presente nas circunstâncias mais relevantes e controversas da vida política e social romana, sem contudo ninguém dar por ele...

Por tudo isto, a voz do fidalgo de Chaves constitui um símbolo paradigmático de que as relações culturais entre Portugal e a Itália na época do Renascimento foram bem mais intensas do que até há bem pouco tempo se presumiu.

Ao serviço de D. Jaime, duque de Bragança

Uma das informações seguras que temos acerca da identidade do fidalgo de Chaves é que se trata de um criado de D. Jaime, 4º duque de Bragança. No entanto, desloca-se ele a Roma ao serviço do seu senhor ou por conta própria? É o seu relato fruto de uma missão e de uma encomenda ou apenas uma forma de agradecer o seu senhor depois de, por si só, ter estado sete anos na capital da cristandade em busca de mercês e benefícios? Analisada a fonte e tido em conta o contexto então vivido pela Casa de Bragança, quer em relação a Roma, quer no que diz respeito à própria política internacional do reino de Portugal, quer ainda pelo posicionamento da Casa no quadro dos jogos de poder vividos então no reino ao nível interno, consideramos a hipótese de o fidalgo de Chaves se ter deslocado a Roma ao serviço do seu senhor como a mais plausível. Vamos, pois, assumir que se trata efetivamente de um agente em missão.

A mais evidente indicação surge logo após a sua entrada em Roma: *«E feita oração me fui apousentar A cidade onde estive sete anos E onze dias, trabalhando neste tempo de ver E de saber as cousas notavees que se em Roma E naquellas partes passaram pera dellas saber dar conta a vossa Ilustrissima senhoria.»*

Também reveladora é a passagem relativa às causas da derrota dos suíços e do duque de Milão na batalha de Marignano: *«Aguora direi a Vossa Ilustrissima Senhoria a Rezão por que o duque nam foi ajudado E socorrido dos exercitos do papa E del Rei dom fernando.»*

Estas palavras associadas às que apresenta logo no prólogo apontam para a autêntica natureza do propósito que conduz a sua ação em Roma e que tem a sua derradeira expressão no testemunho que elabora após o seu regresso a Portugal.

Em meio a tudo isto, uma questão sobressai: qual o interesse de D. Jaime, o 4º duque de Bragança, em promover tal missão e encomenda? A Casa de Bragança mantinha à época negociações com Roma com vista à obtenção da autorização para converter direitos de padroado em comendas da Ordem de Cristo e de apresentação da Casa. A própria Coroa agiu no



Leão X
*Retrato de Papa
 Leão X e os Seus
 Primos...* (1518-
 -1519, pintura
 de Rafael Sanzio.

sentido de apoiar a pretensão do duque D. Jaime junto da cúria de que resultou a anuência do papa Leão X, expressa na emissão da bula de 1517. É o que podemos confirmar pela leitura da missiva datada de 11 de maio de 1517, enviada por D. Manuel ao seu embaixador na cúria romana, o futuro bispo de Viseu, D. Miguel da Silva, e na qual o monarca recomenda o maior empenho e critério em patrocinar junto do papa a pretensão de D. Jaime.

Desta missiva oficial confirma-se que o 4º duque de Bragança possuía agentes em Roma no período em questão, e que a sua presença, entre outras possíveis missões, coincide com o período das ditas negociações.

Mas outra faceta existe em relação ao possível interesse de D. Jaime em enviar um criado a Roma, na qualidade de agente, de cujo labor nasce um documento «encomendado» com as características singulares das *MFC*. Trata-se do perfil humanista e aristocrático do próprio D. Jaime enquanto 4º duque de Bragança e vértice da segunda maior casa aristocrática do reino de Portugal.

A preocupação do 4º duque de Bragança pela consolidação e crescimento do poder da sua Casa é central. Dissolvida e com todos os seus bens confiscados pela Coroa aquando do processo que opôs D. João II ao então 3º duque, D. Fernando, justificado em 1483 por aquele após acusação de lesa-majestade e traição, a Casa de Bragança conhece em D. Jaime o grande protagonista do seu reerguer das cinzas. A Casa brigantina vê o início do século XVI no quadro mais largo da ascensão de D. Manuel ao trono português, como um momento fundamental para a sua reemergência. O poder perdido tinha agora de ser recuperado, consolidado e a seu tempo aumentado. Tudo isto passava pela forma como o 4º duque conduziria os destinos da Casa.

D. Jaime era um homem de grande cultura, em grande medida adquirida durante o seu exílio castelhano, um cortesão perfeitamente de acordo com os novos tempos e um político e governante competente. Alguém, enfim, que aprendeu «na pele» o valor da prudência política, do *saber esperar* nesse universo tão complexo e instável que era o jogo do poder.

A imperiosa necessidade de legitimação, reforço e consolidação do seu próprio poder enquanto destacado centro político

e segunda grande casa senhorial após a real – como a própria divisa indica: «*Depois de vós, nós*» – obrigava, pois, o 4º duque de Bragança (e os seus descendentes) a construir um património cultural e simbólico que resultasse numa identidade magnificente, a qual, por sua vez, elevasse a Casa ducal a uma posição de indiscutível preeminência. Havia, pois, que investir na cultura e na informação, ou seja, no vocabulário e na simbólica do poder. Inscrever-se-ão certamente neste contexto as *MFC* e a missão do fidalgo de Chaves em Roma.

As *MFC* fazem, efetivamente, parte das fontes do poder material e simbólico dos Bragança, atuando nessa medida como um eficaz instrumento político (*o poder pela palavra*). Na qualidade de signo resultante da política de mecenato artístico e cultural que D. Jaime promoveu visando a projeção da sua Casa, elas permitem uma vantagem simbólica, cujas implicações resultam num inequívoco ganho político. É a assunção do texto como arma e linguagem privilegiada na luta e na afirmação política. É, enfim, a elevação efetiva da cultura a assunto de Estado e, por isso, ao ingresso no criterioso grupo das prioridades políticas.

Como o provam as iniciativas que patrocinou ao longo da vida – a criação de uma biblioteca; a construção de um paço ducal e outros edifícios de nomeada; o apoio mecenático a escritores, músicos, pintores ou arquitetos; bem como as encomendas e dedicatórias de obras, entre outras –, o 4º duque de Bragança revela-se um homem do Renascimento. Curioso pelo que o rodeia, sobretudo o novo e original, é alguém que procura informar-se o melhor que pode sobre as temáticas que o cativam: música, literatura, história, arquitetura, técnica e ciência, guerra e, naturalmente, política.

Tal é certamente devedor do facto de ter sido educado em Castela, onde esteve até ao fim da adolescência e contactou com figuras de proa do humanismo italiano, como Pedro Mártir de Anghiera (1457-1526), trazido de Itália pelo conde de Tendilha para a corte dos Reis Católicos, de quem foi um dos primeiros discípulos. Com efeito, a primeira educação literária recebeu-a D. Jaime na corte dos Reis Católicos, a par de outros jovens da nobreza espanhola. É que os tempos que então corriam, os primórdios do século XVI, eram marcados por profundas e aceleradas transformações em todas as áreas da vida humana, que impunham necessariamente que na formação da



Pasquino
Estátua de Pasquino junto ao Palácio Orsini (1550), gravura de Antonio Lafreri.

Temos o raro privilégio
de olhar e sentir a Roma do
Renascimento, tal como foi vivida
por um anónimo fidalgo
quinhentista que, no longínquo
ano de 1510, partiu do reino
de Portugal para Itália, ao serviço
do duque de Bragança.

nobreza, a par da tradicional vocação guerreira, se estimulasse agora uma nova vertente: a sua formação literária, juntando as *letras às armas*.

Na verdade, a nobreza estava a sofrer um claro processo de renovação. Agora, a sua função social dominante – com todo o prestígio simbólico que lhe é intrínseco e que provém da tradição –, as *armas*, debate-se com a irreversível concorrência das *letras*. A cultura, antes monopólio da Igreja, torna-se um bem fundamental para o nobre que, afinal, é também um cortesão. E a Itália é, nesta matéria, o farol que ilumina toda a nobreza da cristandade. A publicação da obra *A Civilidade Pueril* (1530) de Erasmo constitui apenas um pequeno indício de um amplo movimento de renovação no que respeita a valores e comportamentos sociais.

Esta educação humanista recebida por D. Jaime foi certamente decisiva para toda a sua conduta social e política posterior, bem como para o vasto processo de reemergência da Casa brigantina que o duque liderou. O maior emblema deste processo será talvez a própria corte da Casa de Bragança, espaço privilegiado de poder e cultura e, sobretudo, notável símbolo do estabelecimento no reino de Portugal de uma mentalidade já com inequívocas marcas de modernidade.

A existência de um observatório astronómico confirma o papel pioneiro e até vanguardista desempenhado pela corte de Vila Viçosa no panorama cultural do reino português nos alvares do século XVI. A sociedade áulica era agora indissociável da cultura, que, plena de significado simbólico a nível político, funcionava em paralelo como componente essencial da «mostrança» da imagem do seu poder. Entende-se, pois, que D. Jaime mantivesse uma verdadeira corte de humanistas, poetas, arquitetos e artistas em pleno Alentejo.

Também a importância central atribuída a Roma por D. Jaime ao longo de toda a sua vida constitui um precioso indicador dos interesses culturais do 4º duque brigantino. Uma importância da qual, em última análise, as *MFC* são um exemplo eloquente. Por outro lado, Roma e a cúria pontifícia constituíam o centro nevrálgico da cristandade. Daí a necessidade de assegurar uma rede de agentes e contactos ao serviço dos interesses da Casa ducal, dos quais o fidalgo de Chaves constituirá apenas um exemplo.

Era indispensável estar a par de tudo o que se passava na Cidade Eterna, sobretudo ao nível do tipo de informações que extravasava o âmbito das missivas oficiais. A D. Jaime interessaria, pois, saber aspetos mais íntimos que escapam à própria natureza do documento de Estado.

Quanto ao fidalgo, não podemos esquecer que enquanto agente em missão não representa o reino. Representa apenas um senhor, ainda que sendo um dos principais. Assim, tem de agir com cautela e secretismo, residindo provavelmente aí, como já referimos, o seu anonimato.

O singular olhar que deixou sobre a Roma dos alvares de Quinhentos dá a ver como a Itália se tornara nestes anos de viragem o palco das grandes disputas europeias ocidentais. Disputas que visavam a hegemonia sobre a cristandade.

A Europa decidia-se realmente em Itália. E o fidalgo estava lá para dar notícia ao seu senhor dos principais eventos relacionados com esse dramático processo político-militar. Através das suas palavras emotivas podemos apreender quer a subversão dos valores religiosos tradicionais vivida em Roma, quer as fortes tendências de secularização do pensamento político proveniente da cúria. Fenómenos que conduzirão, afinal, à rutura da cristandade e à renovação da própria Igreja.

Em síntese, o texto nascido da pena do viajante flaviense impõe-se como uma potente expressão do *furor politicus* evocado por Maquiavel na sua obra. Sem obviamente pretender comparar os autores, somos levados a afirmar que se presente nos seus emotivos fólios aquela mesma veemência e vontade, aquele mesmo ímpeto de dizer, aquela necessidade urgente de esclarecimento, para si e para o seu destinatário. Por isso, as *MFC* constituem um fiel e singular testemunho português do inquieto e atormentado percurso de um continente e de uma cidade condutora de povos e nações em profunda e acelerada mudança.

A nós, lançados aos atribulados caminhos italianos e às buliçosas ruas romanas pela mão de tão arguto observador, «restá-nos» mergulhar no fascinante universo mental quinhentista. Desta forma, podemos ter o raro privilégio de olhar e sentir a Roma do Renascimento, tal como foi vista e vivida por um anónimo fidalgo quinhentista que, no longínquo ano de 1510, partiu do reino de Portugal para Itália, ao serviço do duque de Bragança.